

número 164

Dossiê
Memórias
Urbanas

re vis ta



Instituto
Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Sul

Julho • 2023

número 164

ISSN 1678-3484

Dossiê
Memórias
Urbanas

re
vis
ta

Instituto
Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Sul

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, ano 103, n.164, 2023.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. - v.1,
(jan./mar. 1921). - Porto Alegre: IHGRGS, 1922-.

Descrição baseada em: número 164 (2023)

Inclui bibliografia

ISSN 1678-3484

Periodicidade semestral

281p.

1. Rio Grande do Sul - História - Geografia - Periódicos. 2. Brasil - História - Geografia - Periódicos. 3. Cultura - Periódicos. I. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

CDD: 981.65

CDU: 94(816.5)

Reunião preparatória da fundação 05/08/1920. Assembleia de fundação 19/11/1920. Reconhecido de utilidade pública pelo Decreto Federal 4373 de 24/11/1921; Decreto Estadual 16565 de 15/04/1964; Decreto Municipal de Porto Alegre nº 2464 de 10/12/1962.

Capa: Fabricio Souza e Priscila Pereira Pinto.

Ilustrações: Fotografias de Daniela Marzola Fialho e José Daniel Craidy Simões.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

Rua Riachuelo, 1317 - 90010-271 - Centro - Porto Alegre - RS - Brasil

Atendimento ao Público com Agendamento

Prévio: Ter-Sex, das 13h30min às 17h30min

Telefone/Fax: (51) 3224-3760

E-mail: ihgrgs@gmail.com

Site: www.ihgrgs.org.br

Site da Revista: seer.ufrgs.br/revistaihgrgs

Youtube: youtube.com/@ihgrgs

Facebook: facebook.com/IHGRGS/

Instagram: instagram.com/ihgrgs/

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ MEMÓRIAS URBANAS

Os artigos contidos neste dossiê se configuram em diversas memórias urbanas, já que ao trazerem histórias diversas de cidade ajudam no resgate da sua memória coletiva.

Maurice Halbwachs (1990), um dos primeiros sociólogos a se preocupar com o problema da memória coletiva, salienta a importância das “pedras da cidade” (ou patrimônio tangível) constituídas por referências fixas, objetivas, visíveis e comuns. Segundo ele:

Não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço -- aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir - que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (p.143).

O resgate que as memórias urbanas desse dossiê permitem se configuram de suma importância já que as cidades se transformam e essa transformação da cidade pode levar à perda de referências, de significados e de memórias. No dossiê as presenças de vestígios tangíveis podem contribuir para minimizar essa perda já que com ela as pessoas podem não mais encontrar seu lugar na cidade. Como disse Natsume Soseki (apud Lynch, 1972): “*Over the ground from which all vestiges of the past had been taken away, he walked like a man lost...* (p. 61)”.

Rossi (1995) ao ampliar - segundo ele mesmo - a tese de Halbwachs, diz que a cidade é o “*locus da memória coletiva*” (p. 198). O conjunto de artigos aqui reunidos nos traz diferentes abordagens que constituem estratégias discursivas que dão significado à cidade e aos seus habitantes, pois:

[...] preservar a memória da cidade é manter sua identidade: uma cidade precisa ter referências, ter um sentido de lugar. Ao nos preocuparmos com a proteção dos bens

1 “Sobre o chão do qual todos os vestígios do passado tinham sido levados embora, ele andou como um homem perdido...” (tradução dos autores)

culturais, estamos, na verdade, em busca da preservação da nossa identidade como nação. Essa identidade inclui o acervo cultural que nos foi legado [selecionado] por gerações passadas e que hoje temos o dever de preservar para as gerações futuras (Weisz, p.31, a observação entre colchetes é dos autores).

Nesse sentido espera-se que os artigos deste dossiê ao se preocuparem com diversos aspectos da memória de cidades nos mostrem, em termos de identidade e memória, que a figuração ‘imagética’ da cidade produz, com seus sentidos, a cidade concreta habitada pelos homens (Pesavento, 2002, p. 15).

Esperamos que o presente dossiê contribua com a reflexão e a compreensão das memórias das cidades contemporâneas.

São os votos dos organizadores do dossiê,

Porto Alegre, 20 de julho de 2023.

Dra. Daniela Marzola Fialho

Me. José Daniel Craidy Simões

Organizadores do Dossiê “Memórias Urbanas”

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990

LYNCH, Kevin. *What time is this place?* Massachusetts and London: The MIT Press Cambridge, 1972.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano (Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre)*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2002.

ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995

WEISZ, Suely de Godoy. *Inventário de bens móveis e integrados: a experiência mineira*. In: Anais do 1º Congresso Latino-Americano sobre a Cultura Arquitetônica e Urbanística. Perspectivas para a sua preservação. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1992